

## *Editorial*

Em seu livro *O romance português contemporâneo*, publicado em 1986, Maria Luíza Ritzel Remédios aponta para a retomada da história como um dos mais importantes movimentos da literatura portuguesa naquele contexto: doze anos apenas após a Revolução dos Cravos, quando, historicamente, Portugal consolidava as recentes conquistas democráticas.

No final do século XX e na transição para o século XXI, o gênero romanesco continuou a suscitar estudos sobre sua trajetória em terras lusitanas, tanto mais pela profícua produção literária como atestam as obras de Saramago, Lobo Antunes, Lídia Jorge, entre tantos outros/as, numa lista que será sempre incompleta. O cenário histórico e social português alterava-se com a entrada do país no Mercado Comum Europeu, levando a questionamentos os mais diversos sobre seus futuros caminhos. Passava-se a considerar termos marcados teoricamente para dar conta dessas mudanças como foi o caso do Post-modernismo (título sintomático do estudo de Ana Paula Arnaut para estudo do romance português contemporâneo em 2002) e, sequencialmente (não linearmente, por óbvio), adentrava-se no campo dos Estudos Culturais.

Passados, agora, quarenta e três anos da histórica data de 24 de abril de 1974, indagamos, nesta primeira edição de 2017 da revista *Literatura em Debate*, a narrativa portuguesa do século XXI, em suas diversas perspectivas temáticas. Berço de Camões, Eça de Queiroz e Fernando Pessoa, para citarmos alguns dos expoentes da expressão portuguesa, os escritores lusófonos sempre fizeram da língua portuguesa sua nação-narrativa. A partir dela, temas e tramas se adensam para contar a vida pretérita do país, as dores subjetivas do sujeito contemporâneo, as reflexões que conformam o ser humano, a identidade buscada, os devaneios e os desejos em meio a um mundo fragmentado.

Com tal propósito, foram reunidas estas relevantes reflexões sobre o tema que, de diferentes modos, constituem-se em respostas a iluminarem nosso conhecimento sobre a trajetória do romance português na atualidade. Assim, abrimos este número com as considerações importantes de Jane Tutikian que, ao estudar a obra de seis expoentes da literatura portuguesa contemporânea, desvela como, nas ainda sempre presentes relações dialógicas entre o discurso ficcional e histórico, vão se configurando escritas cada vez mais marcadas por inquietações diante da fragilidade humana.

O artigo seguinte, de Gabriela Silva, corrobora as principais afirmativas da autora anterior, podendo-se considerar o estudo que realiza sobre o romance de Afonso Cruz como caso de exemplaridade a atestar as novas confluências na trajetória temática do gênero em Portugal. Por

seu turno, José Luis Giovanoni Fornos igualmente descortina as novas sendas do romance português confirmando as principais conclusões das autoras anteriores a partir de seu estudo sobre as narrativas de Jorge Reis-Sá e Lúcia Jorge, confrontando a memória individual com a coletiva.

Já Luciana Abreu Jardim debruça-se sobre sentidos de perda, luto e herança na sua análise sobre a escrita confessional de José Luís Peixoto, enquanto Diana Navas e Grazielle M. Valim apresentam, sequencialmente, uma importante abordagem sobre romance de Lobo Antunes a partir de perspectivas críticas situadas no espaço do leitor. Sob o olhar teórico-crítico de Regina da Costa da Silveira e Ana Denise Teixeira Andrade, a escrita de Lúcia Jorge volta a ser analisada, agora a partir de perspectivas da psicanálise e de sentidos do duplo. Por fim, mas não menos importante, Eunice T. Piazza Gai e Rosiana Kist apresentam a leitura de afetos, individuais e sociais, a partir das personagens que povoam o romance *Dentro de ti ver o mar*, de Inês Pedrosa.

Essa reunião de textos assim apresentados permitem, portanto, o reconhecimento de novas formas de ficção que, por variados modos, valorizam a estética literária em sua afirmação ética no mundo contemporâneo. Sobretudo, constitui-se, por certo, em valorosa contribuição aos estudos da literatura portuguesa quando assumimos o desafio de mirá-la desde o centro dos acontecimentos da vida presente.

Como artigos da seção livre, “Sonata para pulsões (sobre *A Máquina Lírica* de Herberto Helder)”, de Isadora Dutra, constitui-se em contribuição altamente significativa para os estudos sobre esse complexo poeta lusitano; em outra via, Ilse Maria da Rosa Vivian e Talita François Wahlbrinck debruçam-se sobre o estudo do conto norte-americano “The story of an hour” (traduzido como “A história de uma hora”), de Kate Chopin, em especial ao que diz respeito à memória cultural e ao universo feminino; e, por seu turno, a resenha sobre a obra literária *Perdição*, de Hélia Correia, apresentada por Alexandra Lopes da Cunha, instiga a leitura dessa tão importante escritora portuguesa em um gênero que se intersecta muito de perto com a narrativa.

Por fim, como um grande presente ao final desta caminhada de leituras, temos os belos versos do poeta uruguaio Ignacio Martinez, “*Conversaciones - Entre Un Hombre Y Una Mujer*”.

A todos/as leitores/as, nossa firme convicção de que encontrarão aqui produtiva leitura. A todos/as os/as autores/as deste número, o nosso sincero agradecimento.

**Inara Rodrigues de Oliveira**

**Silvia Helena Niederauer**

As organizadoras